

Santa Páscoa 2012



Aos Rogacionistas
Às Filhas do Divino Zelo
Às Missionárias Rogacionistas
Aos Leigos da Família do Rogate

“Enquanto estavam comendo, Jesus tomou o pão e pronunciou a bênção, partiu-o, deu-o aos discípulos e disse: ‘Tomai, comei, isto é o meu corpo’. Em seguida, pegou um cálice, deu graças e passou-o a eles, dizendo: ‘Bebei dele todos, pois este é o meu sangue da nova aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados’. Eu vos digo: de hoje em diante não beberei deste fruto da videira, até o dia em que, convosco, beberei o vinho novo no Reino do meu Pai” (Mt 26,26-29).

Caríssimos,

O Tempo Litúrgico da Quaresma que estamos vivendo é um renovado dom do Senhor que somos chamados a acolher com um coração agradecido de filhos. Somos acompanhados, de modo particular, pela sagrada Liturgia, que dia após dia nos ajuda a preparar a Páscoa do Senhor e a caminhar com Jesus para Jerusalém.

“Senhor, Pai Santo, cada ano – rezamos nestes dias – concedei aos vossos fiéis de preparar-se com alegria, purificados no espírito, para a celebração da Páscoa, para que, assíduos na oração e na caridade operosa, possamos atingir os mistérios da redenção na plenitude da vida nova em Cristo vosso Filho, nosso salvador”.

O Santo Padre, em sua mensagem quaresmal, recordou-nos que “a Quaresma oferece-nos a oportunidade de refletir mais uma vez sobre o cerne da vida cristã: o amor. De fato este é um tempo propício para renovarmos, com a ajuda da Palavra de Deus e dos Sacramentos, o nosso caminho pessoal e comunitário de fé. Trata-se de um percurso marcado pela oração e a partilha, pelo silêncio e o jejum, com a esperança de viver a alegria”.

Bento XVI nos oferece preciosas indicações para viver a Páscoa, um tempo de intensa comunhão com o Senhor Jesus, de modo particular na Ceia Pascal, e de interrogar-nos sobre a comunhão fraterna que Ele nos deixou, como testamento, antes de retornar ao Pai. O amor do Pai, que em Jesus se manifesta de modo eminente, sobretudo em sua imolação pascal, compromete-nos a vivermos em comunhão na concretude das relações cotidianas. Deste modo “estejamos atentos uns aos outros, para nos incentivar ao amor fraterno e às boas obras” (Hb 10,24).

